

A CIVILIZAÇÃO DOS LIVROS DE SOPHIE DE SÉGUR: UMA AVENTURA EDITORIAL ENTRE DOIS MUNDOS¹

Andréa Borges Leão*

Onde a literatura infantil leva a teoria social

O objetivo do artigo é situar a literatura infantil da escritora russo-francesa Sophie de Ségur (1799-1874), a Condessa de Ségur, face à teoria do processo de civilização elaborada pelo sociólogo Norbert Elias (1994a).

Desde a sua gênese, uma das funções da literatura infantil é a formalização de regras destinadas a conter as pulsões dos leitores em formação. Em consequência, a ficção para crianças vem cumprindo papel importante no longo movimento de interiorização do controle das emoções e mudanças na economia dos sentimentos.

A literatura pode inventar um mundo infantil próprio, relativamente autônomo em relação às atividades adultas. Mas, ao acom-

panhar as “ondas de civilização” (Elias, 1998, p.438), os fluxos e refluxos das formalizações e informalizações que marcam as relações entre adultos e crianças na longa duração da história, difunde com eficácia modelos específicos de autocontrole.

A entrada dos códigos de civilidade no texto de ficção para crianças, como aponta André Burguière (2004), requer operações de suavização e relativização, levando os escritores a tornarem mais leve o peso das pressões normativas. Se a explicitação das regras necessita da palavra de um narrador adulto, as peripécias, censuras e proibições postas, pelos autores, nas peles dos personagens crianças, permitem a livre expressão de seus usos controlados.² Ao menos, essa é a melhor “lição” que nos deixam os

* Doutora em Sociologia e professora da Universidade Federal do Ceará. E-mail: dealeao@secrel.com.br

excessos e transbordamentos das brincadeiras e danações praticadas por Sofia, Paulo, Madalena, Camila e Margarida, protagonistas dos contos da Condessa.

O argumento do artigo estabelece relações entre a teoria da civilização e a moralidade investida nos livros de ficção para crianças. De uma maneira bem singular, a literatura infantil coloca problemas nos modelos interpretativos elaborados por Norbert Elias. Um problema que se torna latente é posto quando a tendência à universalização dos códigos de civilidade, transmitidos tanto nos velhos como nos modernos contos de fadas, enfrenta a distinção dos usos em cada configuração nacional e em cada processo de mudança cultural. Não podemos esquecer que, em boa medida, os modelos interpretativos do sociólogo foram construídos na leitura e apropriação de uma documentação normativa típica da Europa dos séculos XVI e XVII – os tratados de civilidade pueris e os manuais de boas maneiras –, na sua origem destinada aos usos da infância cortesã.³

Elias (1998), no entanto, nos chama a atenção para a complexidade das mudanças civilizatórias na sociedade moderna. O cânone das boas maneiras do mundo cortesão, pouco a pouco, vai sendo substituído pelo cânone moral da sociedade burguesa, com suas virtudes, competências e modelos de civilização centrados no indivíduo. A França de finais do século XIX, cenário das histórias da autora, assistia a um progressivo relaxamento dos tabus vitorianos. O novo regime dos costumes abrandava o domínio dos pais na educação e socialização dos filhos e, em consequência, os jogos e brincadeiras infantis adquiriam maior expressão de liberdade tanto na vida real como na ficção.

Assim, os conceitos estruturantes da obra de Elias, como autocontrole dos afetos, interdependência e configuração social, são convocados para a análise das publicações francesas, traduções e adaptações brasileiras da obra seguriana, o que permite afirmar que seu processo de civilização tornar-se uma aventura editorial entre dois mundos, o europeu e americano do sul. Afi-

nal, quais são os modelos de civilização das crianças propostos pela obra de Sophie de Ségur e o que justifica sua longa permanência, desde finais do século XIX até hoje, nos catálogos das editoras brasileiras?

Na trilogia da autora – *Sofia, a desasturada*, *As meninas exemplares* e *As Férias*, ambientada na vida social de um castelo francês do século XIX, encontra-se formulação verdadeira teoria da interação social, que propicia ao uso do leitor um manual, entre divertido e punitivo (o melhor seria chamar de “desafiador”) das práticas educativas. O modo como a civilidade é posta em ação nos episódios da vida e educação doméstica é um convite para repensar as fronteiras entre autocontrole, censura e relaxamento nas situações de interdependência entre crianças e adultos. Algumas vezes, as disposições de certos personagens, a mais evidente das quais a maldade impiedosa das madrastas e o não arrependimento das crianças, estão em franco desacordo com as categorias de pensamento vigentes.

A liberdade proporcionada pela invenção ficcional encontra maior eficácia entre os leitores do que, por exemplo, as lições pedagógicas dos tratados de boas maneiras. Nas narrativas ligeiras da Condessa de Ségur, o que está em jogo é a “pulsão criativa liberada pelo autocontrole” (BURGUIÈRE, 2004, p. 77).

Uma leitura mais atenta dos livros infantis da Condessa de Ségur, entre outros no mesmo gênero, conduz à hipótese de que existe uma homologia estrutural, um elo sociológico de ligação entre as fontes ortopédicas utilizadas por Norbert Elias – como os tratados de Erasmo, *De civilitate murum puerilium*, e o de Jean-Baptiste de La Salle, *Petite civilité chrétienne ou règles de la bienséance* e certos clássicos da ficção para crianças, principalmente no que concerne, em menor ou maior grau, às disposições normativas dos textos que possibilitam aquisições das formas de contenção dos afetos e pulsões. Não por acaso, os produtores do gênero são levados a assumir posições um tanto ambivalentes no curso do movimento

A civilização dos livros de Sophie de Ségur: uma aventura editorial entre dois mundos

Andréa B. Leão

da civilização. Durante muito tempo, ficaram sem saber ao certo se eram escritores ou pedagogos, por mais que se empenhassem em operar cortes e rupturas no nível da linguagem e das estratégias narrativas.

O modelo proposto por Elias (1994c) permite, então, pensar a literatura infantil como vetor de formação da psicogênese dos indivíduos, ao mesmo tempo em que se torna uma via para pensar os modos incorporados de nossa cultura e as trocas entre as culturas. Um forte aliado dos escritores no curso de todo esse movimento de construção social do indivíduo são os editores. Importa, a partir de agora, conhecer os processos de publicação da obra da Condessa de Ségur na França, nas coleções da *Bibliothèques de Gare*, antes de sua viagem ao Brasil, e a estreita ligação que manteve com as estratégias políticas e comerciais do editor Louis Hachette.

Biblioteca Rosa, costumes em viagem

A obra de Sophie de Ségur ocupa lugar de honra na história editorial francesa. Seu destino está ligado às regras políticas do Segundo Império, como que ilustrando o funcionamento histórico de uma observação cara a Norbert Elias (1994a) a de que, em nossas sociedades, o controle social e, até mesmo, o controle do Estado, tempera as práticas e relações sociais privadas, como a leitura familiar de um livro de ficção por uma criança.

Em uma consonância entre o controle social propagado pelo governo e o objetivo do editor Louis Hachette de atingir um mercado de massas para o livro infantil, os livros da Condessa deram bons frutos comerciais à empresa. Esta solução de compromisso entre Estado, mercado editorial e formação do gosto da leitura revela claramente a direção assumida pelo processo de civilização no século XIX: a formalização crescente das condutas e expressão das emoções das camadas burguesas em ascensão, como demonstra Cas Wouters (2009).

Em 1853, Hachette, já célebre pelas edições escolares e universitárias, causa forte impacto no mercado europeu com a inauguração do sistema de vendas de coleções de

livros populares e morais nas estações de trem de Paris – a *Bibliothèque de Chemin de Fer* ou *Bibliothèques de Gare*. As circunstâncias históricas favoreciam a boa recepção. Em decorrência das reformas na educação – a mais importante delas foi levada a cabo pelo ministro Guizot, em 1833 –, e de um processo de alfabetização sem retorno, como aponta Jean-Yves Mollier (2001), os franceses já não se contentavam mais em restringir suas práticas de leitura aos manuais escolares e passaram a buscar os livros das coleções. Em vista disto, Hachette apostou em uma “lógica da oferta”, publicando livros de literatura em pequenos formatos e a baixos preços, em resposta às expectativas do novo público (MOLLIER, 1999).

O capitalismo editorial de Louis Hachette era tão conveniente e veloz quanto portátil e colorido. Os livros das coleções eram organizados e reconhecidos pelas cores das capas, o que representava uma imagem da marca Hachette. Rosa para os livros infantis, verde para os de viagens, e amarelo para os clássicos da literatura. Ao oferecer guias de viagens – muito oportunamente simbolizados por uma locomotiva –, romances franceses e estrangeiros, revistas, jornais e obras infantis aos viajantes que passavam pelas Gares, apressados e ávidos por distração e informação, o editor alcançava o grande público. Ou melhor, organizando a sua produção nos termos da oferta e não de uma resposta à demanda escolar ou da Igreja Católica, como funcionava o sistema editorial anterior, ele ajudou a compor uma numerosa clientela de massas. Foi assim que Louis Hachette decidiu ocupar também as crianças que viajavam acompanhadas de seus pais, oferecendo-lhes uma leitura de distração, difusão das boas maneiras e proveito moral.

O capitalismo em cores de Louis Hachette construiu uma indústria editorial dos costumes. Os livros viajantes que formavam as coleções da *Bibliothèques de Gare* punham os códigos de conduta para circular em uma grande escala continental e, posteriormente, transatlântica, com a exportação de livros da

A civilização dos livros de Sophie de Ségur: uma aventura editorial entre dois mundos

Andréa B. Leão

Europa para os países da América do Sul, por exemplo, facilitada pelo desenvolvimento da navegação a vapor. Assim, as maneiras e censuras que regiam a vida privada européia, mas também a mundana dos locais públicos, representadas nos livros infantis da coleção, partiam em longas e inusitadas viagens.

A produção das ideias e propagação dos bons modos de comportamento podia até ter como epicentro a Europa, com suas cortes e Estados, mas o que definia e dava extensão à geografia intelectual da modernidade era a circulação internacional de obras que costumavam atravessar as fronteiras e os oceanos com a maior desenvoltura. Os trajetos podiam ser acidentados, as viagens perigosas e as transições entre as fronteiras um pouco difíceis para os momentos iniciais de um projeto expansionista de edição, mas, no século XIX, tanto o jovem letrado europeu quanto o brasileiro apreciavam as fábulas de La Fontaine, as aventuras de Robinson Crusóé, as viagens extraordinárias de Júlio Verne e a moralidade divertida inventada pelas histórias de Sophie de Ségur.

Em 1857, Louis Hachette confere autonomia aos livros da Condessa, organiza-os em uma coleção própria, a Biblioteca Rosa Ilustrada. Claro que sob uma condição: a de que as estratégias narrativas da autora correspondessem às estratégias editoriais de Louis Hachette. O sucesso comercial e a boa aceitação dos livros da Condessa levam a crer que os dois polos da produção portavam o mesmo projeto pedagógico que se configurava entre a nostalgia do velho regime, incluindo os princípios da educação cristã – a caridade, honestidade e amor recíproco – e o fascínio pelas novidades vindas com a ordem social liberal e burguesa.

Ilustrativa da eficácia da literatura infantil no curso do processo de civilização é a história editorial dos contos e romances da Condessa. Inicialmente são publicados em folhetins na revista *Semaine des enfants*, em pré-edições anteriores aos livros – uma estratégia que visava medir a aceitação do público, conhecer seu gosto e controlar sua recepção. Até chegarem às edições defi-

nitivas, com formas adequadas à educação das famílias burguesas e classes populares alfabetizadas, os manuscritos passavam por muitos pares de olhos.

O percurso editorial da obra seguriana não pode ser visto fora da configuração política e judicial do Segundo Império, que impunha ao negócio do livro uma rígida censura prévia à publicação (MOLLIER, 2001). As próprias companhias ferroviárias acompanhavam de perto o movimento e o conteúdo do que era vendido nas butiques das *gares*, a direção das companhias encomendava aos funcionários a elaboração de relatórios detalhados sobre as coleções. Nessa economia do controle, o que porventura ferisse os ouvidos e olhos cristãos ou levasse a qualquer questionamento político jamais entraria em um volume destinado às crianças.

Como o regime de controle social passava pela regulação dos costumes domésticos, a Condessa fazia dos netos o primeiro comitê de leitura. A eles, dedicava noites de declamação dos manuscritos antes da entrega aos editores.

Saindo de casa, o que viria a ser um volume da Biblioteca Rosa, por exigência firmada nos contratos de edição, deveria submeter-se ao seguinte itinerário de censuras, aprovações ou desaprovações: uma leitura atenta de Louis Hachette ou seu genro e colaborador, Emile Templier; ambos tinham o direito de intervir no texto; antes de chegar às oficinas tipográficas, um funcionário do Ministério do Interior dava ou não a sua aprovação; por último, o manuscrito era entregue à direção das Companhias de Caminhos de Ferro, responsável pela venda dos livros no circuito das estações. Assim, as condições para a formação da Biblioteca Rosa estava submetida a uma tripla lei: econômica, policial e psíquica (MOLLIER, 1999). Isto porque os livros das coleções destinavam-se a um grande público, portanto, formavam o julgamento moral e o gosto estético das massas de vários países e tradições nacionais, mas também intervinham na formação de cada personalidade individual, ainda que fossem por meio da leitura de aventuras

A civilização dos livros de Sophie de Ségur: uma aventura editorial entre dois mundos

Andréa B. Leão

onde as regras de conduta encontravam-se abrandadas.

O que estava em jogo, na obra da Condessa, era a manipulação de uma liberdade controlada ou, dito de outro modo, o que estava em jogo, em última instância, era a mútua determinação entre controle social e interiorização das proibições.

Sophie de Ségur, socióloga

Sophie Rostopchine nasceu em uma família da alta aristocracia russa, na cidade de São Petersburgo, no dia primeiro de agosto de 1799. Com as três irmãs e o irmão, viveu os anos da infância na propriedade da família situada em Voronovo, lendo e escrevendo. O pai, o conde Rostopchine, foi ministro do Czar Paulo I – padrinho de Sophie e governador de Moscou. Em 1812, com a invasão dos soldados do exército de Napoleão, o conde defende a capital ordenando que a incendeiem. Esta contingência acabou determinando a fuga da família para Paris. Antes da partida, o conde Rostopchine ateia fogo na propriedade da família em Voronovo.

Em Paris, os irmãos Rostopchine, Olga, Sophie, Lydie e Victor são educados à moda ocidental, lendo os contos e romances edificantes do século XVIII, como o *Telêmaco*, de Fénelon, os *Contos de Perrault* e o *Robinson Crusoe*. As leituras de infância imprimem uma marca no trabalho de criação da escritora. Nas estórias da Condessa, há vários diálogos entre os personagens sobre a leitura de livros já lidos pela escritora. Por exemplo, em *As Meninas Exemplos*, as personagens Camila e Madalena devoram os contos de Grimm e o *Robinson Suíço*, convidando os leitores a seguir pelo mesmo caminho. As recomendações do que seria adequado como cultura literária, desse modo, tornam-se expressões das maneiras de viver em conjunto.

Em 1819, Sophie casa-se com o filho de uma velha família da nobreza francesa e futuro diretor da Companhia *Gare de l'Est*, o conde de Ségur, com quem tem oito filhos que lhe dão dezenove netos. Esses netos são fonte de trabalho e inspiração de uma Sophie tornada velha dama reclusa em seu

castelo nos domínios de Nouettes, na Normandia francesa, onde morou por meio século de vida. Sophie converte-se às letras tardiamente, aos cinquenta e dois anos de idade. Para ela, a literatura é uma experiência da velhice e da consciência de aproximação da morte (KREYDER, 2005, p. 54).

De formação cristã, amiga do ultramontanista Luís Veuillot, a Condessa de Ségur publica ao todo vinte livros destinados à instrução e à distração das crianças, mas não sem sobressaltos e decepções. Sophie foi, antes de tudo, uma escritora da empresa Hachette e Cia, que a revelara ao mundo por meio das coleções das estações de trem da qual seu exigente marido era o diretor. Esta dupla contingência colocava-a em uma posição de dependência direta tanto do editor quanto do marido. Ainda mais que Louis Hachette não concordava com as cenas de flagelação e crueldade que a escritora infligia a seus personagens. Uma moral baseada na crueldade poderia até encontrar vigor no convencimento pelo contra-exemplo, mas em nada se mostrava adequada aos livros da coleção das estações. Daí, os constantes desentendimentos entre a Condessa e seus editores, ilustradores e impressores.

A história pessoal da Condessa de Ségur mistura-se a seu percurso profissional como uma perspectiva literária feminina que convinha a qualquer dama da aristocracia. Afinal de contas, é na esfera educacional que as mulheres começam a escrever para as crianças.

Escrever para as crianças, nessa configuração cultural, tornava-se um exercício de modelação das paixões, na medida em que a posse e leitura dos livros de distração destinados aos usos domésticos da infância deveriam contribuir para a formação do indivíduo. As práticas de leitura, nessa perspectiva, podem ser pensadas a partir das teorias das relações sociais – da transmissão, incorporação e interiorização das normas de comportamento e convívio.

Os livros da Condessa falam das relações no universo familiar e que fixam modelos e contramodelos de infância, passando pelas brincadeiras, travessuras e rivalidades entre

A civilização dos livros de Sophie de Ségur: uma aventura editorial entre dois mundos

Andréa B. Leão

amigos, irmãos e primos, com temas sobre a orfandade e o acolhimento, a piedade religiosa, o bom comportamento e as condutas adequadas aos salões mundanos, entre outros fatos e lições da rotina nos velhos castelos europeus adaptados aos novos padrões da educação burguesa. Não podemos deixar de reconhecer, porém, que a infância das personagens Sofia, Paulo, Madalena, Camila e Margarida realiza-se plenamente. As companhias e as intervenções constantes dos adultos, os conselhos, lições de moral e as punições físicas, nos fazem lembrar que a infância é, antes de tudo, uma experiência de vida relacional.

No universo seguriano, as crianças não vivem exatamente a representação dos enredos encenados nas sociedades de corte, com suas etiquetas e hierarquias, artificialismos e círculos estreitos de observações mútuas. Elas se encontram em situações limites entre os bons e maus exemplos. Mais desenvolta, a infância imaginada pela escritora protagoniza as mudanças no regime ocidental dos comportamentos e emoções. Ilustrativo é o conto *os peixinhos*, do livro *Sofia, a desastrada*, no qual a heroína resolve brincar de cozinha e acaba preparando um prato com os peixinhos do aquário, depois de cortá-los e salgá-los, auxiliada pela afiada faquinha de seu aparelho de jantar. Claro, escondida da babá e de sua mãe. Se a obra da Condessa formula uma teoria do laço social, não podemos, ainda, deixar de reconhecer que as interações produzidas pelo encontro entre crianças e adultos movimentam muitas cenas de flagelações e crueldades.

As histórias da trilogia, *Sofia, a desastrada*, *As meninas exemplares* e *As Férias* são ambientadas no *château* de Fleurville e em seus arredores, durante as férias escolares dos primos Sofia, Camila, Madalena, Margarida e Paulo, sempre acompanhados de suas mães Senhoras de Réan, de Fleurville e D'Aubert posteriormente, a Senhora de Réan é substituída pela Senhora de Fichini, a madrastra de Sofia – além dos empregados – os cozinheiros, os jardineiros e as *bonnes*, que são as

babás brasileiras. São narrativas movimentadas e cheias de armadilhas criadas pelas crianças e que deixam os adultos estupefatos, o que as afasta das fábulas e contos morais típicos do século XVIII, com crianças sempre reguladas por coerções exteriores. Na verdade, as estórias da Condessa apresentam uma proposta singular de formação dos valores e educação sentimental das crianças, daí caberem como uma luva no repertório dos clássicos universais, colocando-se à prova da resistência e passagem do tempo.

A obra literária da Condessa de Ségur pode ser tomada como um trabalho de elaboração conceitual da experiência íntima dos indivíduos, formalizada nos laços e interdependências pessoais, emocionais e sociais que configuram os personagens em uma trama narrativa. A natureza dessas relações civilizatórias pode estar fundada no controle das pulsões pela obediência e imitação dos adultos, como também no sadismo e no medo, evidenciado tanto nas correções das mães e madrastas, quanto nas brincadeiras e peraltices infantis.

As desobediências e pancadas dão o tom da civilização seguriana. O livro *Sofia, a desastrada* conta as aventuras de uma menina de sete anos brincalhona e cheia de defeitos, porém soberana, e que não hesita em transgredir as ordens e conselhos de sua mãe com toques de crueldade. Sofia costuma deixar-se dominar pela cólera e acaba por cometer excessos de ação e linguagem, o que também provoca desentendimentos e brigas entre ela e seus amigos. Apenas por meio de práticas de violência física a personagem consegue conter suas emoções, tornando-se relativamente independente dos adultos. Tudo leva a crer que o recurso à crueldade e à agressividade postos na pele de uma criança visa a influir, como contra-exemplo, na sedimentação de uma “segunda natureza”. O que, aliás, poderia causar efeito contrário: e se um leitor se identificasse justo com as diabruras de Sofia?

Ilustrativo é o conto *os ouriços-cacheiros*, do livro *As meninas exemplares*. Nicário, um

A civilização dos livros de Sophie de Ségur: uma aventura editorial entre dois mundos

Andréa B. Leão

A civilização dos livros de Sophie de Ségur: uma aventura editorial entre dois mundos

Andréa B. Leão

empregado da casa, captura uma família de ouriços, para a alegria de Camila e Madalena. Mas a mãe dos bichinhos logo consegue fugir da cesta em que a família é mantida em cativeiro. Nicário, então, decide caçar a fugitiva acabando por matá-la. Para que os filhotes não morressem de fome na ausência da mãe, o empregado resolve atirá-los todos na lagoa, o que deixa as meninas desconsoladas. Nicário argumenta que os ouriços são bichos muito maus, algozes dos coelhos e das perdizes. O melhor seria, então, preparar a família de ouriços para o almoço. Sofia aparece e propõe buscar os bichinhos na lagoa. Ao invés de salvá-los, a menina ataca os ouriços com uma vara, enchendo-os de pancadas até a morte. No entanto, acaba desequilibrando-se e caindo ela também na lagoa. Sua madrasta fica furiosa e,

pouco ligando para o lamentável estado da enteada, que ainda tremia de susto e frio, apanhou a mesma vara que Sofia usara para acabar de matar o ouriço e com ela começou a bater-lhe com tanta força que a vara se partiu em duas (SÉGUR, 2004, p. 170).

Madalena e Camila, as duas irmãs e filhas da Senhora de Fleurville, são o contraponto e o equilíbrio de Sofia. As duas são modelos de meninas exemplares, mais parecendo “duas mocinhas ajuizadas” tamanhas são suas virtudes e qualidades. Se, por acaso, houver situações em que as duas necessitem confrontar-se com a lei dos adultos, é por que Sofia deu o primeiro passo da desobediência. Uma, no entanto, não pode existir sem as outras, e vice-versa. O efeito que as estórias nos causam é o aprendizado de uma liberdade controlada e interdependente das ações e emoções no universo simbólico infantil.

Civilização seguriana no Brasil

É longa a história dos livros da Condessa de Ségur no Brasil. Em fins do século XIX, eram vendidos no original francês pela livraria de Baptiste-Louis Garnier, que servia de entreposto comercial para a livraria Hachette. Em Paris, os editores da Aillaud publicam, em 1872,

a tradução portuguesa do romance *Que amor de criança*, que entregam aos Lallemand Frères, de Lisboa e, em 1874, enviam a São Paulo *Os desastres de Sofia* e *As meninas exemplares* (RENONCIAT, 2001, p. 220). A trilogia composta pelos livros *Os desastres de Sofia*, *As meninas exemplares* e *As férias*, teve sua primeira tradução “brasileira”, a cargo da Editora Francisco Alves, em inícios do século XX. Esta empresa, já tendo incorporado os fundos da livraria parisiense Aillaud, adquire da Editora Hachette os direitos de tradução da Biblioteca Rosa Ilustrada. Anos após, aparecem as versões de Arnaldo Oliveira Barreto e de Miriam Gaspar de Almeida para a Biblioteca Infantil da Editora Melhoramentos. Em seguida, surgem as adaptações da professora paulista Virgínia Silva Lefèvre e de Sônia Maria Penteado Piza, para a Editora do Brasil. David Jardim Júnior inaugura a obra seguriana na Biblioteca Infantil de Ouro das Edições de Ouro, da então chamada Gráfica Tecnoprint. Marita Lima, no Rio de Janeiro, adapta o livro *O Albergue do anjo da guarda* para a Editora Scala na Coleção Madrigal, em fins dos anos sessenta. Somente na década de setenta, a obra da Condessa de Ségur ganha maior estabilidade com as recriações de Herberto Sales, até hoje mantidas no catálogo da Ediouro.

A longa história editorial dos livros da Condessa nos leva às trocas e apropriações literárias entre a França e o Brasil. Essas operações de *transferts culturels* (ESPAGNE, 1999) acontecem, obviamente, entre espaços literários desiguais e acabam por revelar uma aventura editorial entre dois mundos. Não resta a menor dúvida de que a construção das coleções infantis e as demais estratégias expansionistas do mercado do livro francês, como a difusão transatlântica, influenciaram na formação da literatura infantil de países como o Brasil. Mas, para que a circulação de modelos culturais se convertesse em apropriação foram necessárias, antes de tudo, as adaptações às mentalidades e estilo de vida dos novos leitores.

Quais foram, então, os mecanismos desses *transferts culturels*? Em primeiro lugar,

sua realização esteve no centro do processo de civilização. A vocação difusionista da psicogênese e da sociogênese francesas tirou proveitos da exportação de livros. A eficácia das transmissões, mesmo considerando as assimetrias entre as duas culturas, mostra o quanto a nossa literatura infantil e até mesmo um *habitus* leitor nacional foi se formando e amadurecendo à custa da vocação expansionista do mercado do livro europeu, dos empréstimos e usos inusitados dos modelos de infância e educação veiculados nos livros. Não é por acaso que o espaço literário para crianças e jovens no Brasil se desenvolve por meio de um mercado de adaptações dos clássicos europeus.

Em segundo lugar, para compreendermos a longa eficácia dos clássicos infantis franceses pelo mundo devemos estabelecer uma relação entre eles e os velhos manuais de civildade, como o de Jean-Baptiste de La Salle, *Petite civilité chrétienne ou règles de la bienséance*, que fez muito sucesso e conheceu uma longa carreira na França. Se partirmos do efeito duradouro e da longa permanência das normas difundidas nos manuais somos levados às seguintes questões: quais foram os princípios normativos apropriados pela Condessa de Ségur? Que tipo de civildade é posta em cena nas suas narrativas ficcionais?

Não é demais lembrar que civildade ou polidez, para Norbert Elias, é uma disposição interior, uma configuração subjetiva adquirida na longa duração da história de uma sociedade e que estrutura a personalidade e emoções dos indivíduos. Na história de uma vida, a polidez se estrutura como um *habitus*.

Já observamos que em finais do século XIX os cânones do velho regime europeu são substituídos pelos princípios morais burgueses, que defendiam, antes de tudo, uma forte aliança entre os valores e a ação individual. O fundamental era aplicar as regras de conduta na rotina do dia-a-dia e, por isso, a ficção infantil se reveste de utilidade. Esta substituição, porém, não corta os fios de ligação entre o antigo regime e a modernidade.

A obra da Condessa opera uma tensão entre modelos e contramodelos de comportamento. Seus personagens nem sempre praticam a obediência, a modéstia ou a polidez. No entanto, os princípios cristãos da caridade, honestidade e amor recíprocos que une uns aos outros, porque todos são filhos de um mesmo pai e discípulos de um mesmo mestre, sobressaem em algumas das histórias. Nem sempre as crianças se apresentam bem vestidas, asseadas e penteadas. Mas Sophie de Ségur, fazendo jus à sua biografia e confissão religiosa, não deixa de colocar o temor a Deus em cena, principalmente no que diz respeito às regras da diversão e do bom comportamento.

Os capítulos sobre diversão, passeio e visitas, cuidados com o corpo, asseio e vestimentas do manual *Petite civilité chrétienne ou règles de la bienséance* coincidem com as regras de boas maneiras, os exercícios de autocontrole, as compensações e a interdependência entre adultos e crianças na vida do château de Fleurville. Isto porque La Salle aproxima as leis da religião às regras da boa conduta, o leitor em formação será um cristão polido. Uma de suas regras, por exemplo, diz que divertir-se, rir e alegrar-se depois das refeições pode até auxiliar a digestão das carnes, mas não devemos, porém, nos divertir a custas dos outros, rir dos outros. É proibido rir de três coisas: das coisas da religião (os cristãos devem respeitar e estimar tudo o que remete ao culto a Deus), das imperfeições dos outros (porque elas podem acometer a qualquer um, o que seria contra a caridade e contra a compaixão que anima o espírito cristão) e dos acidentes quando acontecem aos outros, seria igualmente uma falta de compaixão, algo incivil.

Um acidente deve, portanto, inspirar pena e compaixão. Provocar acidentes domésticos como quedas e destruição de objetos é exatamente o que a personagem Sofia faz com mais frequência. Certamente que a heroína não segue nenhuma das virtudes do bom cristão propostas por La Salle. Ao contrário, ela ri de tudo e a qualquer

A civilização dos livros de Sophie de Ségur: uma aventura editorial entre dois mundos

Andréa B. Leão

momento. Mas os conselhos dos adultos, das mães, *bonnes* e madrastas, acabam por reafirmar os preceitos a favor da sisudez.

Esses princípios da formação da infância piedosa fundados nos valores cristãos são mantidos nas adaptações brasileiras. Desse modo, a obra da Condessa não permanece por muito tempo inteiramente estrangeira entre nós. Pouco a pouco “abrasileira-se”, os personagens e enredos ganham traços nacionais e, talvez por esse motivo, os livros de Sophie, da escritora e da heroína, tenham tocado gerações de leitores com as coleções de bolso, vendidos a preços módicos e populares, a partir dos anos de 1970.

Destaca-se o trabalho do escritor baiano Herberto Sales para a Ediouro. Ele teve sua maneira própria de traduzir e adaptar a Condessa de Ségur: trocando a cor da pele, os nomes, as roupas e a textura dos cabelos de alguns personagens, transmitindo-lhes traços do “tipo” brasileiro, intervindo na linguagem,

mudando os termos e expressões utilizadas nos diálogos, assim como os cenários das histórias, embora mantivesse os princípios normativos para a formação moral da infância. Havia uma universalidade das regras que, talvez Herberto Sales soubesse bem, caberia na formação das disposições de crianças tão distantes no tempo e no espaço. Enfim, o que se preservou do original francês foi toda a teoria da integração social.

O importante é que até hoje, as recriações de Herberto Sales da obra seguriana permanecem no catálogo da empresa. São vendidas e lidas por muitas crianças e adultos, em casa e nas escolas. Permanecem as aventuras passadas nos castelos, ainda que transformados em fazendas patriarcais, os modelos de bom comportamento e as punições, o estouvamento, desafio e o risco das travessuras de Sofia, assim como outros lances do aprendido na vida doméstica para os usos e práticas na vida social.

A civilização
dos livros de
Sophie de Ségur:
uma aventura
editorial entre
dois mundos

Andréa B. Leão

Notas

¹ A pesquisa de que resulta este artigo só foi possível graças a uma temporada de estudos no Centre d'Histoire Culturelle des Sociétés Contemporaines, da Universidade de Versailles Saint-Quentin-em-Yvelines, onde realizei, de maio a julho de 2009, um estágio pós-doutoral. Conteí com a orientação do professor Jean-Yves Mollier e obtive bolsa de estudos da Capes.

² A ideia de libertação controlada das emoções encontra-se formulada no livro *Sport et Civilisation – la violence maîtrisée*, de Eric Dunning e Norbert Elias, 1994, b.

³ Posteriormente, os tratados foram popularizados nos livros de leitura. A respeito, consultar Leão, 2007.

Referências bibliográficas

BURGUIÈRE, André. "Le concept d'autocontrainte et son usage historique". In: Sous la direction de Sophie Chevalier et Jean-Marie Privat. **Norbert Elias et l'anthropologie. "Nous sommes tous si étranges..."** Paris: CNRS Editions, 2004.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador. Uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994a.

_____. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994c.

_____. **La civilización de los padres y otros ensayos.** Weiler, Vera (compilador). Colombia: Editorial Norma, 1998.

ELIAS, Norbert e Dunning, Eric. **Sport et civilisation. La violence maîtrisée.** Fayard, 1994b.

ESPAGNE, Michel. **Les transferts culturels franco-allemands.** Presses Universitaires de France, 1999.

KREYDER, Laura. "Sophie, vieille enfant". *Europe. Revue littéraire mensuelle. La Comtesse de Ségur.* n. 914-195, Junho-julho de 2005.

LA SALLE, Jean-Baptiste. **Petite civilité chrétienne ou règles de la bienséance.** Ouvrage Autorisé par le Conseil de l'Instruction Publique. Paris, Librairie de L. Hachette, 1862.

LEÃO, Andréa. **Norbert Elias e a educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MOLLIER, Jean-Yves. La construction du système éditorial français et son expansion dans le monde du XVIII au XX siècle. In: *Les Mutation Du Livre Et De L'Éditions Dans Le Monde Du XVIII Siècle à L'An 2000.* Actes du Colloque International Scerbrooke 2000. Les Presses de L'Université Laval. Paris: L'Harmattan, 2001.

_____. **Louis Hachette (1800-1864) Le Fondateur d'un empire.** Paris: Librairie Arthème Fayard, 1999.

PIFFAUT, D'Olivier **Il était une fois... Les contes de fées.** Paris: Seuil / Bibliothèque Nationale de France, 2001.

RENONCIAT, Annie. Fortune éditoriale de la Comtesse de Ségur (1857-1939). In: *La Comtesse de Ségur et ses alentours.* Actes du colloques international La Comtesse de Ségur et les romancières de la Bibliothèque Rose: Université de Rennes II, 3-4 septembre, 1999. n. 9, 2001.

SÉGUR, Condessa de. **Sofia, a desastrada. As meninas exemplares. As Férias.** Tradução e adaptação de Herberto Sales. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

WOUTERS, Cas. Mudanças nos regimes de costumes e emoções: da disciplinarização à informalização. In: Ademir Gebara, Cas Wouters (orgs). **O controle das emoções.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2009.